

O PROBLEMA DOS *QUALIA* E DE SUA COMUNICAÇÃO

CLARA ROCHA MASCENA

Graduanda de Licenciatura em Filosofia da UESB

E-mail: clararmascena@gmail.com

RESUMO: No presente trabalho, pretendemos expor posicionamentos decorrentes da Filosofia da Mente, discutindo, sobretudo, a posição de Thomas Nagel no que diz respeito à compreensão do caráter subjetivo e objetivo da experiência, relacionando isso à hipótese de que é impossível para um sujeito conhecer a experiência de outro, ainda que por procedimentos de ordem científica.

Palavras-chave: *Qualia*. Consciência. Caráter Subjetivo da Experiência.

ABSTRACT: In this paper, I present the positions of some philosophers of mind as Thomas Nagel with regard to the possibility of understanding the objective and subjective nature of the experience, relating to the hypothesis that it is impossible for a man to know the experience of another, even by procedures of scientific order.

Keywords: *Qualia*. Consciousness. Subjective Character of Experience.

7

1. INTRODUÇÃO

No presente artigo pretendemos abordar – de maneira introdutória – o problema dos *qualia* e de sua comunicação, com base no filósofo Thomas Nagel. Acreditamos que o problema da consciência seja um dos pontos mais intrigantes no que tange à relação mente e corpo. Tentar explicar essa relação – entre as partes física e mental – constitui um dos principais focos de estudo em Filosofia da Mente.

No artigo *Como é ser um morcego*, Thomas Nagel aborda o tema dos *qualia* ou qualidade subjetiva da experiência. Nele, Nagel, além de apresentar o seu objetivo principal de provar que a consciência não pode sofrer redução por meio de nenhuma redução psicofísica, tenta provar também que cada sujeito *percebe* de uma maneira única, e que *percebemos* com base em nosso aparato físico, como trataremos mais adiante.

Outro ponto interessante da Filosofia da Mente e da Linguagem é o problema da comunicação dos *qualia*. A linguagem nos leva a crer que tratamos da mesma qualidade subjetiva quando, por exemplo, enxergamos determinada cor, ou provamos determinado gosto, mas isso não é necessariamente verdade. Se duas pessoas concordarem que enxergam a cor verde ao olharem para um quadro, não quer dizer que o caráter subjetivo das suas experiências seja o mesmo, quer dizer apenas que, quando crianças, elas aprenderam a chamar de verde a cor que veem no quadro, qualquer que seja essa cor.

2. O PROBLEMA MENTE-CORPO E A CONSCIÊNCIA

Segundo Thomas Nagel, os reducionistas não tratam do problema mente-corpo da maneira que deveriam, pois eles não dão à consciência a importância merecida, e, seria ela, a consciência, o elemento diferencial do problema. De fato, Nagel (1974) inicia o texto intitulado *Como é ser um morcego?*, com a ideia de que a dificuldade de tratar da relação mente-corpo advém, em primeiro lugar, do fato de a consciência tornar o problema insolúvel.

No artigo *T. Nagel e os Limites de um Reduccionismo Fisicalista (Uma introdução ao artigo “What is it like to be a bat?”)*, Paulo Abrantes afirma que a consciência é um obstáculo, antes mesmo de entrar no âmbito da Filosofia da Mente. Explica Abrantes (2005, p. 224-225):

A propriedade que um fenômeno tem em nossa experiência é seu ‘quale’; em outros termos, *qualia* são as qualidades fenomênicas,

associadas a certos tipos de estados mentais, em especial às sensações. Este sentido de ‘consciência’ não deve ser confundido, tampouco, com o que frequentemente se denomina ‘auto-consciência’, entendida como a posse do conceito de ‘eu’ (self). Por exemplo, uma criança recém-nascida (ou um animal) podem ter ‘consciência fenomênica’ sem ter também ‘auto-consciência’.

Abrantes afirma que, na linguagem comum e no meio dos especialistas, o termo pode ser encontrado com diversos significados. *Estar consciente* pode significar *estar acordado* ou *estar atento a*, *estar consciente de* é entendido como *ter conhecimento de e*, ainda, *ter consciência* está relacionado a conseguir *controlar seus próprios estados mentais*.

3. OS QUALIA

Alguns filósofos reduzem a relação mente e corpo quando tentam torná-la compreensível, aplicando analogias com a ciência, como, por exemplo, quando relacionam a mente a softwares e o corpo a hardwares. Para Nagel, essas analogias (tipos de reduções) não dão conta de explicar tal relação, pois as explicações físicas tentam tratar com uma objetividade muito grande o tema, o que contrasta com a subjetividade relativa ao mental.

Nagel denomina essa característica da experiência consciente de caráter subjetivo da experiência. E é esse o ponto da relação corpo e mente que os reducionistas não conseguem alcançar em suas analogias com robôs e autômatos, por exemplo. Isso acontece porque essas analogias fazem sentido mesmo sem a existência desse caráter subjetivo da experiência. Nagel explica que é possível encontrar um comportamento semelhante ao de pessoas nesses experimentos, robôs e autômatos, mas que isso não significa dizer que eles possam experimentar alguma coisa. Tentar resolver o problema da consciência por meio de uma analogia que não envolve a consciência em sua construção inicial é inviável.

Nagel (2005, p. 247), sobre o caráter subjetivo da experiência, afirma:

Ele não é capturado por quaisquer das recentes e familiares análises redutivas do mental, já que todas elas são logicamente compatíveis com sua ausência. Não é analisável em termos de nenhum sistema explicativo de estados funcionais, ou de estados intencionais, pois esses poderiam ser atribuídos a robôs ou autômatos que se comportassem como pessoas, embora não experimentassem nada. Não é analisável em termos do papel causal das experiências no comportamento humano típico, por razões similares.

Analisar o caráter subjetivo da experiência é, segundo Nagel, a maior dificuldade da abordagem física da mente. Numa redução física ou química, por exemplo, ainda que seja possível excluir os aspectos fenomênicos da substância envolvida, não é possível deixar de fora os fenômenos da experiência. Para defender o fisicalismo, portanto, seria necessário explicar fisicamente os aspectos fenomênicos.

3.1. a complexidade dos *qualia* e o experimento do quarto chinês

10

Existem diversas analogias feitas por psicólogos, cientistas e filósofos, que relacionam o cérebro humano ao funcionamento de computadores. Os computadores digitais funcionam como um programa de troca de dados. Quando algum código em determinado estágio lhes é inserido, o computador responde a esse comando com determinada ação. Porém, John Searle, em 1980, no artigo *Minds, brains, and programs*, defende que os processos mentais são muito mais complexos que os processos de programas de computadores.

Sobre a concepção fisicalista, Searle (1987, p. 17) afirma:

Esta concepção tem a consequência de que nada existe de essencialmente biológico acerca da mente humana. Acontece que o cérebro é um entre o número indefinidamente vasto de diferentes tipos de computadores materiais que poderiam apoiar os programas constitutivos da inteligência humana.

Para defender a complexidade do mental, em dissonância com a simplicidade relativa aos programas de computadores, Searle propõe um experimento conhecido como *quarto chinês*. No experimento, cientistas de computador querem criar um programa que simule que a máquina compreende chinês. Quando determinado código em chinês é inserido no computador, ele faz uma busca desse código e, em sua memória, encontra uma resposta em chinês correspondente ao código inserido. O usuário chinês do computador compreende as respostas e as considera tão boas quanto qualquer resposta de um falante da língua. A questão é: *esse computador compreende chinês?*

Para responder a essa pergunta, Searle sugere que imaginemos que um não falante de chinês está preso em um quarto onde há vários cestos com símbolos em chinês. Na língua materna do não-falante-de-chinês, lhe é oferecido um manual, com regras que dizem que ao receber de fora do quarto determinado símbolo X, ele deve, em resposta, enviar para fora do quarto determinado símbolo Y. O chinês do lado de fora do quarto compreende as respostas enviadas pelo manipulador de símbolos que está dentro do quarto. Porém, fica claro que não é possível que o manipulador de símbolos aprenda chinês pelo simples manuseio de símbolos. Então, conclui Searle (1987, p.18):

Não interessa a boa qualidade da tecnologia ou a rapidez com que os cálculos são feitos pelo computador. Se é realmente um computador, as suas operações têm de definir-se sintaticamente, ao passo que a consciência, os pensamentos, os sentimentos, as emoções e tudo o resto implicam mais do que uma sintaxe. O computador e, por definição, incapaz de duplicar essas características por mais poderosa que possa ser a sua habilidade em simular. A distinção essencial tem aqui lugar entre duplicação e simulação. E nenhuma simulação, por si mesma, alguma vez constitui a duplicação.

Dessa forma, conclui-se que o computador tem a capacidade de manusear os símbolos, porém, ele não é capaz de compreendê-los. E isso reforça mais uma vez a ideia de que o fisicalismo não dá conta de resolver a analogia entre corpo e mente.

4. *COMO É PARA X SER X?*

Para tratar da não possibilidade de comunicação do caráter subjetivo das experiências, Nagel propõe a seguinte questão: como é para X ser X?. O “como é ser algo”, para o autor, significa “ter consciência” ou possuir as qualidades associadas a sensações experimentadas pelo sujeito X.

Podemos supor que, em vários estágios de vida animal, existam experiências conscientes, ou seja, uma forma que identifique *como é para aquele indivíduo ser ele mesmo*. Porém, quanto mais simples é o organismo, mais difícil é acreditar que nele exista esse tipo de experiência. Por exemplo, não é difícil de acreditar que, *para um cachorro*, fazer determinada coisa é agradável ou desagradável. A própria reação desses animais, associadas às nossas reações, nos fazem crer que isso ou aquilo é um *signal* de que o animal gosta ou não de determinada coisa. Em contrapartida, seres mais afastados de nós na escala evolutiva, nos tornam mais céticos no que diz respeito a crer que eles possuam caráter subjetivo da experiência. Parece estranho pensar que uma lesma *perceba* ou *prefira* determinada coisa em vista de outra. Quanto mais diferente o ser é de nós, mais difícil é de acreditar que ele possua *qualia*. E a peculiaridade existente nesse tipo de experiência, faz com que as pessoas sejam predispostas a não acreditar nelas.

Nagel escolhe os morcegos para ilustrar as experiências subjetivas, porque eles são mamíferos – que são mais aceitavelmente suscetíveis a esse tipo de experiência - e não estão tão longe de nós na árvore filogenética, como as vespas, por exemplo. Porém, os morcegos possuem um aparato sensorial extremamente diferente do que possuímos. Nagel explica que essas diferenças tornam o problema do *como é ser X para X* bastante vívido, mas salienta que o problema poderia ser posto tendo, como exemplo, várias outras espécies.

Os morcegos têm pouca percepção visual, captam o mundo exterior por meio de um sonar que detecta a reflexão de seus gritos nos objetos ao seu redor. Por meio desse sonar, os morcegos detectam altura, comprimento, textura,

movimento e distância, o que nós, humanos, fazemos principalmente por meio da visão. Mas não podemos comparar a percepção dos morcegos, por meio desse sonar, com nenhum dos nossos sentidos, nem temos razões para acreditar que podemos ao menos imaginar como seria esse tipo de percepção.

Fantasiar como seria se nos alimentássemos de insetos, percebêssemos o mundo exterior por um sonar, dormíssemos pendurados de cabeça para baixo, possuísssemos uma membrana que unisse os membros superiores ao tórax e que essa membrana nos permitisse voar, seria apenas imaginar como seria a nossa impressão de como é se comportar como um morcego.

Nagel (2005, p.250) afirma: “se a extrapolação a partir do nosso próprio caso está envolvida na ideia de como é ser um morcego, então a extrapolação é impossível de ser completada. Nós não podemos formar nada além de uma concepção esquemática de como é ser um morcego”.

A intenção é saber como é *para um morcego ser* um morcego, mas nossa imaginação é limitada às nossas experiências. Ainda que – sem modificar as nossas estruturas fundamentais – pudéssemos parecer um morcego ou nos comportássemos como ele, as nossas experiências seriam limitadas às nossas estruturas fundamentais e não seriam em nada parecidas com as experiências de um morcego.

Podemos supor que os morcegos sintam coisas como dor, fome, frio, medo, porém essas sensações estão ligadas a um caráter subjetivo específico e esse caráter não pode ser conhecido. Caso aplicássemos essa suposição a um ser alienígena, por exemplo, não conseguiríamos sequer supor essas sensações. Porém, é preciso afirmar que essa relação de desconhecimento do caráter subjetivo se aplica também, na relação entre uma pessoa e outra.

Sobre essa relação de conhecimento de caráter entre duas pessoas, Nagel (2005, p.251) assegura “O caráter subjetivo da experiência de uma pessoa surda e cega desde o nascimento, por exemplo, não me é acessível e, presumivelmente, nem a minha a ela. Isso não nos impede de acreditar que a experiência dos outros tenha tal caráter subjetivo”.

Agora podemos imaginar a situação oposta. Morcegos inteligentes passam a nos observar e tentar perceber como é ser um humano. Provavelmente assim como nós, eles não conseguiriam obter a resposta e talvez percebessem que nós possuímos consciência, mas, independentemente disso, nós sabemos que as experiências pelas quais passamos possuem um caráter subjetivo.

5. O PROBLEMA DA COMUNICAÇÃO DOS QUALIA

Um grande problema que impossibilita a expressão do caráter subjetivo das nossas experiências é a linguagem. Nós somos incapazes, por exemplo, de descrever a cor azul ou o gosto adocicado de uma pinha. A linguagem nos limita.

Nagel liga o caráter subjetivo da experiência a um ponto de vista, mas, mesmo defendendo que esse ponto de vista é pessoal, o autor argumenta que ele pertence a um *tipo*, para continuar sua argumentação. Assim, Nagel advoga que existe “um sentido no qual os fatos fenomenológicos [phenomenological facts] são perfeitamente objetivos: uma pessoa pode conhecer ou falar sobre a qualidade das experiências do outro” (NAGEL, 2005, p. 253).

Parece-nos que, ainda que alguém diga que, ao comer uma pinha, não precise comunicar o caráter subjetivo da sua experiência para os outros, porque ao prová-la, compartilharia a experiência e o caráter subjetivo da mesma, este não pode afirmar que o caráter subjetivo da experiência de uma pessoa seja igual ao de outra. Não é necessariamente verdade que, ao ver a cor azul, todos experimentem o mesmo caráter subjetivo e nem mesmo que enxerguemos a mesma cor. Podemos supor que fomos ensinados a chamar de azul a cor que enxergamos, mas não necessariamente as nossas experiências dessa cor sejam iguais.

6. CONCLUSÃO

A consciência é um dos pontos mais intrigantes do problema mente e corpo, e a tentativa de explicar essa relação – entre as partes física e mental – se constitui como um dos principais focos de estudo em Filosofia da Mente. Não menos importante e ligado a esse problema, está a propriedade fenomênica, geralmente denominada '*qualia*', as qualidades subjetivas assimiladas por meio de experiências mentais conscientes. Os '*qualia*' são o ponto de ligação entre as percepções de caráter subjetivo e o aparato físico do sujeito. Neste texto, tentamos abordar alguns temas relativos ao problema mente-corpo. A partir do artigo *Como é ser um morcego*, do filósofo Thomas Nagel, buscamos discutir o problema da consciência e dos *qualia* - qualidade subjetiva da experiência. Nagel é categórico em afirmar que existe uma clara diferença entre o sujeito imaginar ser/se comportar como um morcego e de fato saber como é *ser* um morcego. O exemplo do morcego ilustra a impossibilidade de conhecer os estados mentais de qualquer outro organismo.

No desenvolver do texto, amparados no filósofo John Searle e em seu argumento do quarto chinês, nos distanciamos da visão fisicalista, que segundo ele, trata o ser humano de uma maneira que o afasta de suas apreensões únicas da experiência e o apresenta como ser quase que somente biológico.

Tratamos ainda, do problema da comunicação das qualidades subjetivas da experiência. Segundo nosso ponto de vista, diante das exigências objetivas da linguagem, os *qualia* são impossíveis de serem comunicados.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Paulo. T. Nagel e os Limites de um Reduccionismo Fisicalista (Uma introdução ao artigo "What is it like to be a bat?"). *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*. Vol. 15, p.223-244, 2005.

NAGEL, Tomas. Como é ser um morcego?. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*. Trad. Paulo Abrantes e Juliana Orione. Vol. 15, p.245-262, 2005.

SEARLE, John. *Mente, cérebro e ciência*. Lisboa: Edições 70, 1987.